

METODOLOGIAS DE ENSINO GEOGRÁFICO NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Juliana Ferreira de Oliveira; Letícia Nascimento Cardozo; Krícia de Sousa Silva
(Orientadora).

Universidade Federal do Piauí – Campus Ministro Reis Veloso, julianaferreira.phb100@gmail.com

Resumo

O objetivo desse trabalho é analisar as metodologias utilizadas e os recursos disponíveis para o ensino de Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola pública localizada na cidade de Parnaíba, litoral do Piauí. A metodologia se deu por meio de uma abordagem qualitativa, com base em pesquisa bibliográfica que serviu de embasamento teórico para a proposta do artigo, para a coleta de dados foi realizada uma pesquisa de campo de caráter exploratório, onde foram utilizados os métodos de observação das aulas de geografia, bem como realização de entrevistas semiestruturadas com professoras que lecionam neste campo de conhecimento. A intenção em desenvolver essa abordagem metodológica foi obter uma melhor compreensão das atividades e metodologias utilizadas em sala de aula para ensinar geografia, relacionando ao campo teórico da área a fim de perceber possibilidades, desafios e tensões que se encontram ao buscar ensinar os conteúdos e habilidades próprias da geografia, buscando uma reflexão juntamente com os alunos sobre o lugar em que vivem, sua importância e singularidade, instigando ainda a argumentação e criticidade dos discentes, trabalhando com uma proposta interdisciplinar que compreende a geografia como uma ciência presente em todos os campos do saber. Entretanto, ao término da pesquisa, foi possível perceber que as professoras participantes da investigação não aplicam metodologias inovadoras dentro da sala de aula, ficando sempre no tradicionalismo e na memorização dos conteúdos e dos livros didáticos, inviabilizando um ensino geográfico voltado para produção de sentido e percepção holística dos alunos sobre o mundo.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Metodologias, Prática docente.

Introdução

A geografia é um campo do conhecimento que visa interpretar e conhecer as transformações no e do espaço, voltadas para a formação de sujeitos críticos acerca da realidade social em que vivem e do seu grau de empoderamento do espaço em que ocupa, construída através de vivências nesse espaço/local (ALMEIDA, 2009). Ela é, ou deveria ser, uma ciência que oferece aos (às) estudantes a oportunidade de descobrir e investigar conhecimentos acerca do mundo, tanto da natureza quanto do homem e a relação entre os dois (homem e natureza).

Esta ciência ainda não tem uma grande receptividade na escola por parte da maioria dos (as) discentes, isto acontece porque eles (as) ainda não entenderam que a Geografia está presente em tudo na nossa vida e em todo o momento. Neste contexto, é preciso buscar meios

para que haja uma relação entre teoria (o que é visto em sala de aula) e prática (fazer/executar o que foi visto na teoria, ou seja, na sala de aula).

Mas, infelizmente, ainda encontramos influências muito fortes de práticas tradicionalistas na educação, onde o único objetivo é a memorização e a caracterização de um determinado espaço. Isto estimula uma dicotomia na relação de homem e natureza. Esses aspectos da influência tradicionalista desestimulam os estudantes, pois estes percebem o espaço sempre se renovando, mas a partir da base e das práticas tradicionais, os professores deixam de apresentar essa constante mudança do espaço, prendendo-se apenas ao livro didático.

Não podemos pensar a Geografia como algo distante dos sujeitos que a estudam, pois ela é o estudo de todos os lugares, se pararmos para pensar, tudo é Geografia, o espaço em que ocupamos, o valor que atribuímos a ele. A nossa cultura vem do lugar onde vivemos e convivemos, a percepção de mundo, dentre outras coisas que podemos perceber no nosso dia a dia. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, na medida em que esse componente curricular aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta. Ao mesmo tempo, a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças (BNCC, 2017, p. 357).

Dessa forma, é possível perceber a grande relevância presente nos conteúdos de Geografia e que a formação de um pensamento crítico a partir do ensino dessa ciência pode contribuir significativamente para a evolução do modo de vida de uma determinada comunidade. A educação ambiental, por exemplo, quando trabalhada de forma significativa na escola, perpetua-se para a família e gradualmente para a sociedade em geral, através de uma herança cultural e de uma nova perspectiva para a maneira de pensar o homem como parte do meio ambiente.

Ao estudar Geografia, o sujeito se apropria de conhecimentos e começa a enxergar os lugares de outras formas, passando a aprimorar um novo valor sobre o espaço em que ocupa. Ao entrar em contato com um ensino geográfico de forma crítica e reflexiva, os educandos vão ganhando uma nova visão de espacialidade e de identidade, percebendo que a sua cultura,

o seu modo de ser, de se vestir, os seus costumes estão ligados a constituição de si e, com isso, passam a empoderar-se desse conjunto de valores atribuídos ao lugar-indivíduo.

[...] a passividade do aluno, bem como o menosprezo por sua experiência pessoal, são, do ponto de vista científico, o mais crasso erro, assim como a falsa regra de que o professor é tudo, e o aluno, é nada. Pelo contrário, o critério psicológico exige que se reconheça que, no processo educativo, a experiência pessoal do aluno é tudo. A educação deve ser organizada de tal modo que não se eduque ao aluno, mas que este se eduque a si mesmo. (VIGOTSKI, 2001, p. 75)

Um dos maiores desafios da educação atualmente é fazer dos educandos sujeitos ativos no processo de ensino aprendizagem. Para tanto, é preciso que ocorra uma mudança nas metodologias aplicadas nas escolas, onde os educadores e educadoras passem a valorizar os conhecimentos prévios destes (as) estudantes, ou seja, suas vivências e sentimentos. Também é preciso reestruturar o currículo, para que este contemple o (a) educando (a) como um sujeito chave para a construção do saber, pois acreditamos que é preciso,

[...] considerar a realidade em que os alunos estão inseridos, levando em conta as informações que já possuem e as experiências vivenciadas. Assim, levando-se em consideração as particularidades, diversidade de escalas de análise e objetivos específicos de cada professor e cada escola, é que afirmamos que não existe receita pronta, mas que a prática educativa deve ser contextualizada (CAMPOS, 2010, p. 11).

É preciso que os educadores estimulem a formação de conceitos e problemáticas acerca do que seus alunos irão aprender, visto que ao pensar outras realidades, atribuir conceitos e a buscar o seu próprio conhecimento, os (as) educandos (as) se desprendem do mecanismo da memorização de conteúdos, passando a produzir e compartilhar conhecimentos.

Nesse contexto, torna-se viável destacarmos que a geografia é uma matéria onde o efeito visual deve ser bem utilizado, tanto em relação aos fenômenos físicos da natureza, como urbanos e socioeconômicos. A imagem garante alguns minutos de atenção quase que automáticos dos alunos. Na atual sociedade em que se vive, as imagens falam por si mesmas, na TV, no computador, nas propagandas e ilustrações em todo tipo de material que se usa. Por isso, o professor deve se aproveitar da lógica da sociedade do espetáculo para dar suas aulas, e conseguir garantir o interesse dos alunos.

[...] aprender não é apenas copiar ou reproduzir a realidade. Significa integrar conhecimentos já existentes aos novos, modificando-os e estabelecendo relações. De acordo com os seus pressupostos, as relações que se estabelecem entre os professores, os alunos e os conteúdos no processo ensino e aprendizagem, se sobrepõem às sequências didáticas, visto que o professor e os alunos possuem certo grau de participação nesse processo,

diferente do ensino tradicional, caracterizado pela transmissão/recepção e reprodução de conhecimentos (ZABALA, 1998, p. 16)

Sendo assim, podemos afirmar que aprender vai além de decorar conteúdos. Aprender é produzir sentido aos conteúdos a partir das múltiplas relações que eles podem ter com outros campos do saber e da experiência do aprendiz.

É de fundamental importância, a construção de uma visão crítica acerca do objetivo e papel da Geografia, com um trabalho que possa ser contextualizado, significativo e interdisciplinar dentro da sala de aula, comprometendo-se com a comunidade escolar e com os(as) alunos(as). Contudo, é possível desenvolver e aprimorar práticas e metodologias preocupadas em superar a memorização e a desigualdade social, atribuindo valor aos ensinamentos de forma que haja um desenvolvimento cultural e intelectual dos(as) educandos(as).

Dessa forma, com o objetivo de analisar as metodologias utilizadas e os recursos disponíveis para o ensino de Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola pública localizada na cidade de Parnaíba, litoral do Piauí, utilizamos a abordagem qualitativa, com base em pesquisas bibliográficas que serviram de embasamento teórico para a proposta do trabalho e como ferramenta para a coleta de dados foi utilizada a pesquisa de campo com caráter exploratório, onde foram utilizados os métodos de observação das aulas de Geografia, bem como a realização de entrevistas semiestruturadas com professoras que lecionam neste campo de conhecimento.

Contudo, partimos das seguintes problemáticas: Quais são as metodologias utilizadas e os recursos disponíveis ao educador ou educadora, de uma escola pública da cidade de Parnaíba, para o ensino de Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental? E quais são os desafios e tensões que se encontram ao buscar ensinar os conteúdos e habilidades próprios da Geografia, instigando a argumentação e criticidade dos discentes, a fim de compreender a disciplina como uma ciência presente em todos os campos do saber?

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida por estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) – Campus Ministro Reis Velloso (CMRV). Utilizamos a abordagem qualitativa, através de pesquisas bibliográficas que serviram de embasamento teórico para a proposta do trabalho.

Para Minayo (2001, p. 14) a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço

mais profundo das relações, dos processos e nos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variável.”

Para tanto, realizamos uma pesquisa exploratória de observação, pois “a observação é um processo empírico por intermédio do qual usamos a totalidade dos nossos sentidos para reconhecer e registrar eventos fatuais.” (VIANNA, 2003, p. 14). Para melhor compreensão dos desafios e tensões presentes na temática da pesquisa, as observações foram participantes, porque esta “consiste na participação real do pesquisador na comunidade ou grupo. [...] fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais destes” (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 177)

Frequentamos a escola em diferentes momentos, observando todas as aulas desse campo de conhecimento, em três diferentes turmas das séries iniciais do Ensino Fundamental, a fim de analisar quais as metodologias e recursos utilizados pelas professoras durante as aulas, levando em conta os tipos de recursos disponibilizados pela escola.

A fim de melhor atingir os objetivos também realizamos entrevistas semiestruturadas com três professoras da escola observada. Esta foi um mecanismo para nos permitir entender, a partir das narrativas, o que acontece para que os professores e professoras, em sua maioria, priorizem o método tradicional de ensino, visto que de acordo com Duarte (2005, p. 62) a entrevista é “um recurso metodológico que busca, com bases em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”.

Nessa perspectiva, a observação, bem como o aporte teórico, nos traz uma reflexão acerca das atividades e metodologias utilizadas, fazendo-nos perceber a importância de investir em atividades que possibilitem ao educando uma reflexão acerca do lugar onde ele ocupa, instigando a argumentação e criticidade, trabalhando com uma proposta interdisciplinar. Enquanto a entrevista possibilita entender o que leva o professor ou professora a utilizar determinada metodologia e a partir daí pensarmos nas diversas possibilidades de trabalho durante o ensino de Geografia.

A seguir, ao expor as narrativas das entrevistadas utilizaremos a nomenclatura PROFESSORA 1, 2 e 3 para assegurarmos o anonimato das entrevistadas.

Resultados e Discussões

Nas observações desenvolvidas foi perceptível a ausência de metodologias inovadoras no trabalho em sala de aula. Todas as aulas observadas foram marcadas pelo tradicionalismo e

pela memorização de conteúdos dos livros didáticos, sem que houvesse a significação do conteúdo aprendido.

Em algumas turmas haviam alunos e alunas que sequer possuíam o livro didático, desta forma os mesmos ficavam sem fazer nada. Mesmo sabendo que alguns alunos não possuíam o material, as professoras não planejaram atividades ou pensaram em outra estratégia para garantir a aprendizagem destes alunos, demonstrando um certo desprezo tanto com o aluno, como com a disciplina.

É perceptível a falta de atenção e interesse dos (as) estudantes durante as aulas. As professoras, por sua vez, não sabem o que fazer para conseguir a atenção dos mesmos e, conseqüentemente, não conseguem executar de maneira eficaz as atividades planejadas. É ilusório pensar que a apresentação de conteúdos garantirá a aprendizagem dos alunos (MIZUKAMI, 2002).

As professoras da escola observada priorizam o ensino de Geografia por meio de aulas expositivas, realização de atividades do livro didático ou, em alguns casos, atividades fáceis de se encontrar na internet. Estas aulas sempre partem de alguma noção ou conceito que gira entorno de fenômenos culturais ou naturais, assim sendo exposto aos (às) alunos (as) de forma descontextualizada do meio social e cultural no qual estão inseridos. E é certo afirmar que somente o saber contextual fará com que o conhecimento se torne útil, GASPARIN (2011, p.49) afirma que com a aprendizagem contextualizada “o conteúdo começa a ser seu. Já não é mais apenas um conjunto de informações pragmáticas. A aprendizagem assume, gradativamente, um significado subjetivo e social para o sujeito aprendente”.

Isto nos fez refletir sobre a importância destas professoras se desprenderem, em algum momento, da monotonia de realizar apenas atividades de livros ou internet, para buscar atividades que estimulem o raciocínio e percepção destes alunos (as) como jogos, brincadeiras, desenhos, dentre outras, para que os (as) estudantes passem a interagir mais com o conteúdo da aula, desenvolvendo seu intelecto e, acima de tudo, produzindo e compartilhando conhecimentos.

Durante as entrevistas semiestruturadas, as professoras relataram que no início do ano tentaram propor atividades mais lúdicas, mas devido à grande falta de recursos na escola não continuaram com o trabalho:

“A gente sempre começa o ano letivo animada, querendo fazer melhor que no ano anterior, eu preparei planos de aulas bem didáticos, mas a escola não fornece recurso suficiente para desenvolvermos uma prática pedagógica inovadora, infelizmente o sistema de ensino público nos obriga a dar aulas simples, eu sei que fico presa no livro, reconheço isso, mas não tem como eu

tirar do meu salário para inovar, isso é obrigação do Município, mas a educação é sempre deixada de lado.” (PROFESSORA 1)

A falta de tempo foi a justificativa da professora que cumpre horário pedagógico:

“Eu sou professora de HP, trabalho em outras escolas. Não tem como eu planejar atividades diferenciadas para cada uma das escolas que leciono, então acabo optando pelo mais prático e os alunos já estão acostumados. A gente tenta explicar o conteúdo de um jeito mais dinâmico, não deixamos eles lendo o livro sozinhos, fazemos a leitura coletiva, respondemos algumas tarefas juntos, corrigimos no quadro. Mas Geografia é uma disciplina que não chama muita atenção, então a gente faz as atividades bem rapidinho para passar para outros conteúdos logo.” (PROFESSORA 2)

Quando questionadas se já fizeram ou pretendem fazer alguma atividade de campo, que pode servir como estratégia devido à falta de recursos na escola, responderam que este tipo de atividade é inviável, pois a escola também não possui transporte e, mesmo se houvesse, as mesmas não conseguiriam sair sozinhas com os alunos: “A escola não tem ônibus para sairmos com as crianças e mesmo se tivesse, como eu, sozinha vou dar conta de 25 alunos? Não tem chance alguma de isso dar certo.” (PROFESSORA 3)

Todas as professoras afirmaram que ao fim do bimestre, depois dos conteúdos já expostos aos (às) educandos (as), os mesmos são avaliados (as) mediante prova escrita. Neste caso, os estudantes são avaliados pela memorização, onde o resultado da prova é responsável por mostrar se os(as) alunos(as) aprenderam ou não os conteúdos expostos. Dessa forma, têm-se a memorização como fator determinante de aprendizagem e isto é um equívoco, de acordo com a reportagem “*Toda a atenção para a Neurociência*” da Revista Nova Escola (Junho/Julho 2012):

“aprender não é só memorizar informações. É preciso saber relacioná-las, resignificá-las e refletir sobre elas. É tarefa do professor, então, apresentar bons pontos de ancoragem, para que os conteúdos sejam aprendidos e fiquem na memória, e dar condições para que o aluno construa sentido sobre o que está vendo em sala de aula”. (Revista Nova Escola, p. 55, 2012)

É interessante que o conhecimento do aluno não seja avaliado apenas no critério da nota e que as aulas permitam que o aluno se sinta parte do processo de construção do conhecimento e que este adquira uma autonomia para a realização de atividades. Segundo Vygotsky (2001), o aluno é um ser ativo dentro do processo de ensino aprendizagem, dessa forma precisamos levar em conta os aspectos históricos culturais. Tornar o processo de ensino e aprendizagem como uma prática prazerosa e participativa, envolve aspectos além da cognição dos indivíduos, como a afetividade, a interação, a articulação e o movimento, o que torna algo mais dinâmico e menos cansativo.

Acreditamos que é preciso experimentar diferentes metodologias para o processo de ensino da Geografia, pois é evidente que não existe uma receita pronta, mas existem inúmeras práticas inovadoras que podem ser adaptadas de acordo com a realidade social e econômica de cada escola. Portanto, evidenciamos que tanto os jogos eletrônicos, quanto os jogos feitos com materiais reciclados, por exemplo, se bem planejados pelo educador ou educadora trarão bons resultados para sala de aula, pois a criança se encanta com coisas simples e se o professor conseguir contextualizar o assunto, fazendo com que o aluno perceba a importância do conteúdo estudado para sua vida e a ligação deste conteúdo com outras áreas do conhecimento, a educação estará cumprindo com sua função formativa.

Conclusões

Constatamos que as professoras não utilizam recursos inovadores durante as aulas de Geografia, persistindo em um ensino baseado nos métodos tradicionais, com falhas como a falta de planejamento e recursos.

Durante as observações, pudemos perceber que a prática pedagógica das professoras entrevistadas é pautada na memorização e, a maioria das professoras não aproveitam o cotidiano para a interligação de conteúdo e vivência. Mesmo diante desses fatos, algumas professoras não demonstraram interesse em modificar suas práticas, deixando a entender que a disciplina não é tão importante para elas e para os (as) estudantes.

Ainda podemos destacar as condições precárias das salas de aula dessa escola, o que pode atrapalhar o processo de aprendizagem dos (as) estudantes. Entretanto, mesmo com a falta de recursos, sabemos que a metodologia no ensino de geografia, especificamente nas séries iniciais do ensino fundamental, é vasta, contanto que o professor tenha criatividade e esteja disposto a inovar. O desafio de planejar ações que auxiliem a melhor compreensão dos conteúdos pelos (as) estudantes se torna ineficaz quando o professor não está disposto a tornar as aulas mais atrativas.

Os alunos sentem a necessidade de algo novo a ser oferecido pela escola que pudesse diminuir a falta de atenção e desinteresse durante as aulas de Geografia. As inovações metodológicas podem colaborar, de forma significativa, para uma proposta de ensino de Geografia muito mais eficaz, ao ponto de possibilitar o exercício da criatividade, assim como as posturas didáticas e, ainda, contribuir com a desconstrução de muitas ideias negativas em torno da disciplina.

É importante que ocorra uma reflexão de cada professor, cada educador sobre o seu papel na sala de aula e o papel da educação na vida do aluno. Há muitos problemas nos

currículos oficiais, porém, cada professor deve conduzir a sua aula de forma independente, que tenha um domínio do conteúdo, da teoria, das categorias, enfim, de um vocabulário geográfico que possa despertar o interesse de cada aluno.

Sabemos que não existe uma receita pronta para a educação e ensino de disciplinas, mas existem propostas metodológicas que podem auxiliar os profissionais da educação em propor um ensino de qualidade. Campos (2010), destaca que “a metodologia não deve ser vista como instrumento que leva ao conhecimento, mas como conhecimento que instrumenta o professor no seu fazer cotidiano.”

O professor como um mediador do ensino-aprendizagem tem um papel fundamental neste processo, para que isso ocorra é importante ter uma formação contínua, pois o que vemos em sala de aula são professores desmotivados e até despreparados para exercer as suas funções.

O uso dos equipamentos didáticos durante as aulas é inestimável, pois tornam as aulas de Geografia menos abstratas e conseqüentemente mais atraentes e dinâmicas. É possível trabalharmos com esse campo do conhecimento de forma mais dinâmica e instigante para os alunos, por meio de situações que problematizem os diferentes espaços geográficos materializados em paisagens, lugares, regiões e territórios, que disparem relações entre o presente e o passado, o específico e o geral, as ações individuais e as coletivas e que promovam o domínio de procedimentos que permitam aos alunos ler e explicar as paisagens e os lugares.

Acreditamos que há muita a ser feita, visto a falta de recursos que possibilitam saídas de campo e estudos mais abrangentes sobre essa temática em muitas das instituições de ensino e, até mesmo, as dificuldades que muitos docentes enfrentam em integrar conhecimentos da ciência geográfica na formulação de conceitos, ainda assim tem uma saída para a execução de uma prática mais eficiente e significativa para os (as) alunos (as).

Precisamos de capacitações e formações profissionais que instiguem os (as) professores (as) a usar a criatividade para transmitir seus conhecimentos, para assim, proporcionar aos seus (suas) alunos (as) a conhecer, aprender e compreender os espaços, para isso é necessário quebrar este paradigma de que toda aula deve ser expositiva e mecanizada. Não queremos dizer que a aula expositiva não seja importante, pois ela é, mas não supri a necessidade das vivências de uma aula de campo ou uma aula mais prática, voltada para o estudo de mapas, por exemplo.

Referências

ALMEIDA Rosângela Don de. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC, 1995.

_____. **Base Nacional Comum Curricular: Geografia**. Brasília: MEC, 2017.

CAMPOS, Antonio Carlos. **Metodologia do ensino de geografia**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. IN: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a Pedagogia Histórico Crítica**. Campinas: Autores Associados, 2011.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo: EPU, 2002.

Revista Nova Escola. Toda a atenção para a Neurociência. Ano XXVII. Nº 253. Junho/Julho. São Paulo: Editora Abril, p. 48-55, 2012.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em educação: a observação**. Brasília: Plano Editora, 2003.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**. Porto Alegre: Artmed, 1998.